

Eje Temático: Tecnologia Y Archivos

MOSTRAS VIRTUAIS: NOVAS PERSPECTIVAS DE DIFUSÃO DE ACERVOS ARQUIVÍSTICOS

Simone Silva Fernandes¹

Centro de Documentação e Informação Científica da Pontifícia Universidade

Católica de São Paulo, CEDIC/ PUC-SP, Brasil

sfernandes@pucsp.br

Notamos cada vez mais que os arquivos e centros de documentação vêm utilizando como estratégia de difusão de seus acervos as diferentes possibilidades que o ambiente web oferece. Vemos que tem sido recorrente a discussão a respeito das novas tendências das redes sociais virtuais que solicitam cada vez mais o acesso irrestrito à informação e à íntegra de documentos e a digitalização de totalidades de acervos arquivísticos.

Pensar a respeito levou-nos a recorrer sobre o que já havia sido comentado a respeito de informática dentro da Arquivologia. Tomando o Conselho Internacional de Arquivos (CIA) como referência², em meados dos anos 1960 e 1970, muitas questões foram apresentadas sobre a automação das rotinas de processamento do acervo, dos instrumentos de pesquisa e dos meios de atendimento ao público. Somente em 1974, passados 10 anos da primeira apresentação do tema em um Congresso Internacional, o CIA criou um Comitê responsável por estudar a informática e suas implicações no tratamento automatizado das informações presentes nos Arquivos.

Contudo, o Comitê criado passou a se dedicar a outra dimensão da informática, a de produtora de documentos eletrônicos. Com isso, a automação de procedimentos práticos de organização e descrição do acervo arquivístico passou a ter um peso menor nas discussões³.

A preocupação sobre a automação das rotinas arquivísticas, incluindo as de difusão do acervo, permaneceu pouco explorada durante os anos 1980.

¹ Mestre em História Social e documentalista do CEDIC.

² O Conselho Internacional de Arquivos, criado em 1948, é uma associação que reúne diretores de arquivos públicos nacionais, regionais e de outras organizações e entidades, associações de profissionais arquivistas e demais interessados em promover a conservação, o desenvolvimento e a utilização do patrimônio documental arquivístico. Através de Comitês e Delegações, estudos e intercâmbios são realizados a respeito de áreas específicas da Arquivologia. Atualmente o CIA possui 16 Comitês temáticos, dentre os quais quatro tratam de aspectos da tecnologia e dos documentos eletrônicos nos arquivos.

³ Em 1976, em Washington, durante o VIII Congresso Internacional de Arquivos, foram esboçadas projeções de como o documento eletrônico influenciaria a diplomática e o tratamento documental.

Paralelamente, estudos sobre o documento eletrônico foram ganhando destaque surtindo premonições de que esse substituiria o documento em suporte papel e em formatos convencionais.

Com essa retrospectiva, queremos apontar a presença de duas problemáticas que se encontravam concomitantes nos textos arquivísticos: a primeira concerne à automação dos procedimentos arquivísticos já consolidados; e a segunda concerne à revisão de conceitos da Arquivologia visando abarcar as especificidades do documento eletrônico.

Devido ao seu grau de complexidade, o documento eletrônico se sobressaiu nas discussões, a ponto de o Comitê de Automação, criado pelo CIA em 1974, tornar-se o Comitê de Documentos Eletrônicos em meados de 1990.

No Brasil, durante a década de 1980, pouco se discutiu a respeito da automação e do documento eletrônico. Em pesquisa realizada por Rondinelli (2004), as revistas científicas da área pouco desenvolveram a questão da automação. Somente a partir de 1990 as mesmas passaram a divulgar o gerenciamento do documento eletrônico como uma realidade a ser encarada pelos profissionais arquivistas.

Em 1995, o Conselho Nacional de Arquivos criou a Câmara Técnica de Documentos Eletrônicos (reestruturada em 2002), que desde então vem elaborando cartilhas sobre sistemas de gestão eletrônica de documentos arquivísticos, planejamento de sites institucionais e políticas de digitalização de acervos, orientando os trabalhos na área. Estas publicações⁴ e uma série de textos acadêmicos e técnicos, bem como apresentações em eventos da área, vêm relatando experiências de digitalização de acervos e exposição na internet demonstrando um retorno às questões de automação das rotinas arquivísticas dentro das unidades custodiadoras de acervo.

Á respeito propriamente das mostras virtuais, temos encontrado inúmeras iniciativas apresentadas em eventos científicos da área, como foi no último XVI Congresso Brasileiro de Arquivologia, realizado em 2010. Muitos estudos de caso foram relatados, demonstrando que a promoção de atividades desta natureza surgiu em decorrência de políticas de digitalização do acervo.

⁴ Dentre os trabalhos da CTDE, dizemos a respeito das cartilhas: Modelo de Requisitos para Sistemas Informatizados de Gestão Arquivística de Documentos - e-ARQ Brasil, Recomendações para Digitalização de Documentos Arquivísticos Permanentes, Carta para a Preservação do Patrimônio Arquivístico Digital e Diretrizes gerais para a construção de websites de Instituições Arquivísticas. Ver site: <http://www.conarq.arquivonacional.gov.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?sid=20>.

Diante dessa realidade, no sentido de colaborar com a discussão, propomo-nos a apresentar as estratégias utilizadas pelo Centro de Documentação e Informação Científica, CEDIC, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, na concepção de mostras virtuais de fundos e coleções e seu diálogo com as demais políticas de preservação e acesso ao acervo da instituição, dentre elas as de digitalização de documentos e elaboração de instrumentos de pesquisa.

Preservar, organizar e difundir o patrimônio documental gerado por movimentos sociais e de educação, têm sido ações do CEDIC. Desde 1980, o Centro vem conseguindo com êxito acumular acervo nos temas de seu interesse, o qual engloba fundos de arquivo e coleções textuais, iconográficas e sonoras⁵.

A respeito das modalidades de difusão do acervo, o Centro ao longo dos anos foi produzindo material institucional convencional e publicando seus instrumentos de referência e acesso, além de sistematizar visitas técnicas ao seu espaço, bem como participar e promover cursos e eventos científicos em sua área de atuação. Assim, o CEDIC conseguiu tanto divulgar suas especialidades técnicas, quanto a natureza de seu acervo.

Em 2003, na continuidade e atualização das políticas de difusão, passamos a contar com um site institucional desenhado para ser um folder⁶ eletrônico do Centro de Documentação⁷. Essa perspectiva de desenho era fundamentada pela ideia de disponibilizar para o público um texto de caráter geral e explicativo sobre a identidade e o acervo da Instituição, no qual não haveria necessidades de incluir atualizações constantes, demandando com isso menos da equipe técnica do Centro e da equipe de informática da Universidade.

O site possuía uma área de “fale conosco”, o que poderia representar um canal de aproximação entre o público e a instituição, que não trouxe significativos impactos no número de consultas ao acervo ou aos demais serviços oferecidos pelo CEDIC.

⁵ O CEDIC possui 16 fundos de arquivo e 83 coleções temáticas a respeito de movimentos sociais ligados à Igreja, movimentos estudantis, culturais, urbanos e rurais, de educação e por direitos humanos.

⁶ Entendemos por folder: espécie documental que designa uma modalidade de impresso publicitário e institucional, feito a partir de um conceito estético e informacional. Conforme a quantidade de informação que se quer transmitir pode possuir dobras. Quando eletrônico, possui o mesmo caráter publicitário e institucional.

⁷ Página disponível no portal da Universidade: www.pucsp.br/cedic.

Ainda nesse período o CEDIC apenas usufruía do ambiente internet disponibilizado pela Universidade, o que significava dizer que não tínhamos acesso ao ambiente intranet com o conteúdo e as funções da página.

Diante disso percebemos que mesmo depois de publicado o site poucas mudanças foram sentidas nas rotinas de tratamento documental e descrição. As políticas de preservação e divulgação do acervo seguiram o curso dado ainda pela consulta local, por meio dos instrumentos de pesquisa impressos.

Quando demandas eram mais sentidas em torno de certos fundos e coleções, a equipe técnica se dedicava a produzir formas de preservar sem coibir o uso da documentação, utilizando de estratégias de reprografia analógica e digital de então, bem como de elaborar instrumentos mais analíticos sobre o acervo em questão.

Em 2005, ao comemorar 25 anos de existência, o CEDIC mudou a forma de interagir junto ao seu público no ambiente web, passando a disponibilizar no seu site o instrumento de acesso “Guia do Acervo”. Com isso, uma nova lógica de informática se instalou nas rotinas do Centro.

Originalmente publicado em papel, o Guia do Acervo é um instrumento de pesquisa sumário, com informações generalizantes sobre os fundos e coleções custodiados. Já realizado a partir da Norma Internacional de Descrição Arquivística, ISAD-G, de 1993, suas fichas de descrição possuíam campos bem definidos, o que contribuiu para que o Guia fosse facilmente migrado para uma base de dados eletrônica de uso restrito e local, desenhada com o aplicativo Access, da Microsoft⁸.

Quando da proposta de colocar essa base em ambiente remoto, alterações foram feitas, adaptando-a a Norma Brasileira de Descrição Arquivística, Nobrade, de 2003, e aos aplicativos mais adequados para uso em sites, utilizando o MySQL (sistema de gerenciamento de banco de dados), juntamente com o PHP (sistema de interpretação de comandos do SQL para ambiente web), ambos os softwares abertos, gratuitos e seguros.

Para além desses aspectos mais técnicos, é importante ressaltar a significativa mudança que essas alterações trouxeram nas políticas de uso do site pela equipe técnica e pelos consulentes.

⁸ Bellotto (2004, p.183) afirma que “a evidente adaptabilidade do novo sistema [tanto da Norma, quanto de outros sistemas normalizadores] a programas informáticos indica que, em futuro não muito distante, ele será praticamente a única forma de acesso informacional aos documentos”.

Com essas modificações, passamos a contar com a administração da maior parte de nossas bases de dados em ambiente intranet⁹. As alterações de dados antigos ou a inserção de novas descrições arquivísticas passaram a ser feitas on-line, repercutindo diretamente no conteúdo disponibilizado no site, uma vez que os ambientes intra e internet estavam coligados.

Isso repercutiu na forma de conduzir o trabalho interno de tratamento do acervo, o que nos fez traçar uma linha de operações que incluía a averiguação da informação produzida pelo tratamento do acervo e a autorização para publicação da descrição com maior rapidez e responsabilidade no site, já que podíamos contar com a agilidade do processamento automatizado. Diferente de um olhar local sobre o instrumento de pesquisa, que qualquer dúvida por parte de um consultante ou mesmo a publicação de uma informação errada pode ser ali discutida com a equipe e corrigida, no ambiente virtual não poderíamos contar com a colaboração do pesquisador.

Outro impacto sentido era o de que estávamos novamente tomando posse do folder eletrônico institucional. As ações constantes de atualização do Guia do Acervo faziam-nos reportar ao site institucional para certificar se de fato ocorria a alteração esperada. Ao realizar essa mera averiguação, a equipe se defrontava com os antigos textos generalizantes que ali se encontravam publicados sobre a instituição e seu acervo, e refletíamos se esses realmente alcançavam o público usuário de internet.

De qualquer maneira, por mais que pensássemos sobre como potencializar o uso do site para ampliar a divulgação das atividades do CEDIC e de seu acervo, os limites impostos pela própria estrutura e política de informática da Universidade não colaboravam para que avançássemos mais em novas direções.

Dessa forma, o desenho do site passou a combinar um folder eletrônico, com textos estáticos a respeito da missão e dos serviços prestados pelo Centro de Documentação, com uma base de dados dinâmica e atualizável sobre o acervo. Para acompanhar o número de consultantes que pesquisava o Guia, somamos o cadastro do pesquisador a esse novo ambiente web, que depois de preenchido previamente possibilitava o acesso aos dados da base.

Com a disponibilização de dados mais claros sobre o acervo, os pesquisadores passaram a enviar ao correio eletrônico do CEDIC questões mais objetivas e demandas mais pontuais sobre o fundo ou coleção de interesse.

⁹ O CEDIC possui cinco bases de dados em ambiente intranet: cadastro de fundos e coleções; de publicações não periódicas; de publicações periódicas; de editoras e de consultantes. Possui ainda uma base fora desse ambiente que é o cadastro de novos acervos.

Nessa forma ainda de diálogo que o site se propunha a realizar com o público, o Centro de Documentação era ainda um agente essencialmente custodiador, preservador, organizador e difusor de informações. O desenho do portal transmitia uma ideia de difusão que era distinta daquela que aplicávamos cotidianamente nas dependências do CEDIC, como uma forma de política calcada apenas nas ações de oferecer acesso à informação por meio de instrumentos de pesquisa.

Contudo, sabemos que a difusão cultural e educativa de acervos arquivísticos requer muito mais que a elaboração de instrumentos de pesquisa, sendo eles uma etapa inicial. O Centro mesmo que realizando uma série de estratégias presenciais de divulgação do acervo, sentia a necessidade de implantar também no ambiente web políticas culturais para fomentar a pesquisa em relação aos seus temas de abrangência, porém não deixando de se preocupar com a escolha do canal adequado para a divulgação cuidadosa de documentos arquivísticos¹⁰.

Assim, em 2009, decidimos realizar mostras virtuais temáticas de documentos do acervo¹¹. O Núcleo de Mídias Digitais da Universidade vem desenvolvendo as galerias de imagens utilizando a linguagem Javascript de programação de código aberto, juntamente com o HTML (Hypertext Multilanguage - Linguagem de hipertexto) usado na confecção de páginas da web, além do CSS (Cascading Style Sheets), outra linguagem para definir o layout de documentos em HTML. Por exemplo, o CSS controla fontes, cores, margens, linhas, alturas, larguras, imagens de fundo, posicionamentos entre outras funções. As imagens digitalizadas do acervo estão em jpeg e gif, todas com baixa resolução.

Iniciamos com a efeméride de 30 Anos da Anistia nos Países do Cone Sul, apresentando uma exposição virtual de cartazes dos nossos fundos e coleções a respeito do tema¹².

Dito já que o Centro é um agente custodiador, preservador, organizador e difusor de informações, a maneira como abordamos a documentação do acervo e realizamos a mostra fez com integrássemos as atividades essenciais do Centro,

¹⁰ Temos garantido o acesso resguardando a inviolabilidade da intimidade, da vida privada, da honra e da imagem de pessoas. Tal como acontece com os arquivos de órgãos públicos, os arquivos de entidades privadas podem criar suas categorias conforme seus interesses e critérios.

¹¹ Sabemos que as exposições de documentos são atividades antigas dentro dos arquivos, que datam do século XIX na França. Ao longo dos séculos, elas adquiriram novas formas, tornando-se assim algo mais atraente e rentável em termos de divulgação de arquivo.

¹² A Mostra virtual foi resultado da parceria entre CEDIC/PUC-SP, Arquivo Nacional e Arquivo Público do Estado de São Paulo por ocasião da implantação do Centro de Referências das Lutas Políticas no Brasil e pelas lutas pela Anistia nos Países do Cone Sul no ano de 2009.

buscando em cada qual os subsídios necessários para a realização do projeto. No tocante à custódia, observamos os direitos de uso da imagem do acervo; no tocante à preservação, realizamos a digitalização dos documentos para salvaguardar os originais e oferecer acesso irrestrito às cópias digitais; enquanto órgão organizador, enfatizamos o contexto de produção dos documentos; e em relação à difusão, promovemos o acesso e provocamos o público com uma questão atualizada, que pode vir suscitar novas investigações.

Outra dimensão ainda a comentar é o cuidado de limitar a quantidade de imagens digitais expostas nas mostras. Temos a preocupação de manter a integridade e a originalidade do acervo e de motivar os pesquisadores a criarem um vínculo com o Centro, visitando-o de maneira mais continuada e conhecendo suas potencialidades para além daquela da documentação consultada e colocada disponível na mostra.

Também temos apresentado junto a essas exposições virtuais relações com os demais fundos e coleções do acervo, indicando a leitura do Guia do Acervo e solicitando a sugestão de novas exposições a partir do que custodiamos.

Com essa perspectiva, temos conseguido dar visibilidade ao Centro de Documentação, despertando no público em geral o nosso reconhecimento tanto como instituição custodiadora de documentos arquivísticos, quanto instituição cultural e educativa com funções mais amplas. Com as exposições virtuais até então produzidas, temos provocado o público externo e interno com temas relevantes e atuais, como os de violação dos direitos humanos e políticos e os crimes da ditadura brasileira, bem como sobre a própria memória da Universidade Católica da qual fazemos parte.

Nesse sentido, como afirma Bellotto (1991:147) “cabe a um serviço de difusão cultural duas vias contrárias de ação: a que lança elementos de dentro do arquivo para fora, procurando atingir um campo de abrangência cada vez mais amplo, e a que permite o retorno dessa mesma política, acenando com atrativos no interior do recinto do arquivo.”

Mais recentemente, também temos utilizado a rede social Facebook para divulgar as nossas atividades e realizar pequenas exposições com documentos do acervo¹³, o que nos leva a superar algumas dificuldades enfrentadas junto à divisão de

¹³ Recentemente o Facebook produziu uma cartilha Facebook for educator (2011), estimulando o uso da rede social para fins educativos. A cartilha traz uma lista de cuidados que se deve ter ao participar de uma rede social: desenvolvimento de controles às ações de violação de direitos; proteção à privacidade e segurança dos dados e promoção de ações de cidadania digital.

tecnologia da própria Universidade quanto à atualização do site e ao desenvolvimento de novas mostras.

Temos encontrado uma série de parceiros e entidades correlatas nessa forma de web, o que torna possível constituir uma rede profícua de relações interinstitucionais e com o público em geral.

Citando Bellotto (1991:148) “não importa que seja mínima a parcela da comunidade que realmente venha ver o material exposto em qualquer uma dessas mídias escolhidas. O primeiro passo é que o arquivo possa ser reconhecido, que faça parte do cotidiano da leitura de jornais” e das novas formas de mídia social, altamente interativas e contributivas.

Referências bibliográficas:

ANAI DO XVI CONGRESSO BRASILEIRO DE ARQUIVOLOGIA. Santos: Associação de Arquivistas Brasileiros/ Fundação Arquivo e Memória de Santos, 24-27 de agosto de 2010.

BELLOTTO, Heloísa Liberalli. **Arquivos Permanentes:** tratamento documental. Rio de Janeiro: Editora T.A Queiroz, 1991. (1ª edição)

_____. **Arquivos Permanentes:** tratamento documental. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004. (2ª edição)

CRUZ, Tadeu. **Sistemas, Organização e Métodos:** estudo integrado das novas tecnologias de informação. São Paulo: Editora Atlas S.A, 1997. 230p.

DICIONÁRIO DE TERMINOLOGIA ARQUIVÍSTICA. São Paulo: Associação dos Arquivistas Brasileiros – Núcleo Regional de São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura, 1996. 142p.

FUGUERAS, Ramon Alberch. Ampliación del uso de los archivos, estrategias y perspectivas. In: http://www.conarg.arquivonacional.gov.br/.../ampliacion_del_uso_social_de_los_archivos.pdf. Acesso em 12 de setembro de 2009.

_____. El archivo, entre la memoria historica y la sociedad del conocimiento. Barcelona: Editorial UOC, 2003.

GARCIA, Pedro González. **Informatización del Archivo General de Indias:** estrategias y resultados. Madrid: ANABAD – Asociación Española de Archiveros, Bibliotecarios, Museólogos y Documentalistas, 1999. 148p.

GUIA DA CENTRAL DE DOCUMENTAÇÃO E INFORMAÇÃO CIENTÍFICA "PROF. CASEMIRO DOS REIS FILHO" - CEDIC - PUCSP. São Paulo: EDUC, 1995.

ISAD(G): NORMA GERAL INTERNACIONAL DE DESCRIÇÃO ARQUIVÍSTICA: 2ª ed., adotada pelo Comitê de Normas de Descrição, Estocolmo, Suécia, 19-22/09/1999, versão final aprovada pelo CIA. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2001.

JARDIM, José Maria e MARCONDES, Carlos Henrique. **O Estado e a Internet:** informação e políticas públicas através da rede. In: INTEGRAR: 1º Congresso Internacional de Arquivos e Bibliotecas, Centros de Documentação e Museus: textos. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2002.pp.241-256.

LOPES, Luís Carlos. **A Gestão da Informação:** as organizações, os arquivos e a informática aplicada. Rio de Janeiro: Arquivo Público do Rio de Janeiro, 1997. 143p.

- LOPEZ, André Porto Ancona. **Como Utilizar a Informática nas Atividades de Gestão Documental**. São Paulo: Associação de Arquivistas de São Paulo: Arquivo do Estado: Imprensa Oficial do Estado, 2002. 51p.(Manual impresso pelo Projeto Como Fazer)
- NOBRADE*: Norma Brasileira de Descrição Arquivística. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2006.
- PHILLIPS, Linda Fogg; et al. **FACEBOOK for educators**.. 2011.18p. In: <http://facebookforeducators.org/wp-content/uploads/2011/05/Facebook-for-Educators.May-15.pdf>. Acesso em 08 de setembro de 2011.
- RONDINELLI, Rosely Curi. **Gerenciamento Arquivístico de Documentos Eletrônicos**: uma abordagem teórica da diplomática arquivística contemporânea. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004. 160p. (2ª edição)